

1-18 -quinta-feira, 14 de Abril de 2005-> breve revisão mas não a última - há que voltar aqui - sábado, 21 de septiembre de 2002- já foi incluído na pasta dos favoritos ac , não vale a pena repetir aqui - 60.508 caracteres - <ddeh-1> - merge doc de 21 files wri que formam um esboço de dicionário de ecologia humana-

DICIONÁRIO DE ECOLOGIA HUMANA /HOLÍSTICA

files wri inseridos neste merge doc:

biocidio

demagog

demagogi

eh-a

eh-c

eh-d

eh-f

eh-h

eh-i

eh-m

eh-p

eh-r

eh-s

eh-t

estup

pit-v

psicanal

slogans

talassot

vacinas

vietnam

xilofene

+

443 caracteres <eh-a><eh><dicionar>

A

ACIDENTES DE TRABALHO - [IN CPT, 13/8/1983]

ALERGIAS - Cientistas norte-americanos descobrem a estrutura de substâncias que causam alergias, segundo a revista «Nature» (17/1/1989). Mas já todos sabiam, há vários anos, que num estado alérgico, as substâncias alergénicas não são importantes mas sim o estado hipersensível do terreno.

ÁTOMO - Anedotas do átomo pacífico [CPT, 3/3/1984]

+

2120 caracteres <vietnam><eh><saude>

Dicionário de Ecologia Humana

A - AGENTE-LARANJA -

[Ciência experimental avança no laboratório da Guerra - Efeitos biológicos do «agente-laranja»]

Dez anos depois do fim da guerra do Vietname, sobre o qual o exército norte-americano despejou toneladas do herbicida conhecido por «agente-cor-de-laranja», nada «se sabia ainda» (sic) dos efeitos no organismo humano e na biosfera, daquele produto tóxico, daquele biocida, conhecido também, entre especialistas da química, por composto «2-4-5-7», e apenas um dos milhares de biocidas químicos que circulam no meio ambiente.

De mais esta ignorância da ciência metabólica falava, em 20 de Outubro de 1979, a jornalista da agência France Press, Denis Brulet, em despacho publicado pelo «Diário de Notícias» daquele dia.

No ano seguinte, em Março de 1980, prometia-se um estudo, que custaria dois milhões de dólares australianos, para conhecer os efeitos do «agente-laranja» no ambiente humano. Este estudo foi anunciado no Parlamento norte-americano por Evan Adermn, ministro dos antigos combatentes.

Dias depois, veteranos australianos da guerra do Vietname afirmavam que as suas doenças e deformações dos filhos eram devidas ao «agente-laranja», conforme relatavam dois jornalistas da televisão australiana, citados pela agência vietnamita de imprensa «VNA», captada em Hong Kong.

As voltas que o mundo, e o «agente-laranja», dá. Parece-me agora que não exagerava quando, vai para uns dez anos, usei avançar a ideia de que a guerra moderna, nomeadamente a «guerra química» como a do Vietname e a «guerra biológica», inaugurada com o vírus da SIDA, são os melhores e mais completos laboratórios de Ecologia Humana. E de que bombas como a de Hiroxima e Nagasaki contribuíram, mais do que ninguém, para o avanço e progresso da ciência experimental.

O drama, se é que há drama, é que, para progredir, as ciências humanas tenham que o fazer sobre milhões de cadáveres, transformando a História no seu único laboratório experimental.

+

1586 caracteres <estupef><dicionar><eh><frases>

Dicionário de Ecologia Humana

B - BENZODIAZEPINAS - Passagens de uma entrevista [que me foi] dada por José Andresen Leitão, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa e membro integrante de várias comissões consultivas sobre medicamentos na Direcção-Geral dos Assuntos Farmacêuticos; além de ser vogal da comissão técnica dos novos medicamentos, preside a duas outras comissões: «medicamentos de venda livre» e «comissão do formulário nacional dos medicamentos».

As declarações de Andresen Leitão a «A Capital» referem-se ao decreto-lei 430/83, posteriormente complementado pelo decreto regulamentar 71/84, documentos que constituem hoje o pano de fundo em que irá inscrever-se, de futuro, toda a política de prevenção e combate à droga:

«Não conheço uma lei tão punitiva desde as de Hitler»

«Este decreto põe nas mãos da polícia um poder inacreditável»

«As benzodiazepinas foram um grande avanço para a saúde pública: diminuíram úlceras, cólites, situações de asma, foram benéficas, pois com elas as pessoas recorrem menos aos hospitais...»

«É certo que a OMS recomendou vigilância sobre as benzodiazepinas, é certo que há habituação e viciação mas não tão grave como as drogas fortes.»

«Os tratamentos mais potentes são os mais tóxicos, no sentido de terem acções acessórias potentes. Aliás, tudo é tóxico, até a água se o doente estiver em insuficiência renal [sic]. O medicamento mais anodino pode ser perigoso. O medicamento é sempre uma faca de dois gumes e temos que aceitar isso como uma lei indiscutível.#

+

2522 caracteres <eh-c><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

C

CANCRO TOTALITÁRIO - Um problema de ecologia humana. O niilismo como ideologia para usar nas crises políticas e períodos pré-menstruais (pré-eleitorais). Só notícias em «não» é o que temos na

imprensa, rádio e televisão. Será o mundo tão mau, ou pintam-no assim tão mau para ainda ser pior?
[14/9/1984]

CARNE - Ao nível doméstico do nosso dia a dia português, o consumidor vê os buracos onde o metem e de que maneira se calam as saídas ao alternativas. A carne falta cada vez mais: mas alguém aponta uma estratégia alternativa de procurar alimentos proteicos em outras fontes higienica e sanitariamente bem mais aconselháveis e, no mínimo, desencadeia-se uma campanha publicitária televisiva para consumir ovos com colesterol e antibióticos ou conserva de peixe... [1982]

CATÁSTROFE - A destruição sistemática é rotina diária, num sistema que vive de ir matando os ecossistemas, numa sociedade em que progresso industrial é apenas sinónimo de catástrofe (marés negras, aviões caídos, choques em cadeia, avarias em Chernobyl, Three Mile Island, Almaraz)

CIÊNCIA - Pau, picareta, buldozer, central nuclear, celulose, cimenteiras, serra mecânica, berbequim, de tudo, incluindo Ideologia, se serviu o sistema para pilhar e destruir os ecossistemas. Mas para recuperar terreno, outra vez, dentro da destruição - e sem abdicar uma só migalha do banquete - é necessário um instrumento muito mais subtil, muito mais ágil, mas acima de tudo muito mais ambíguo do que pau, picareta, buldozer ou serra mecânica. Esse instrumento, ideal invenção greco-latina, é a chamada Ciência. Especificando para efeitos de recuperação: as ciências ditas Humanas e sociais (e não específico mais, para não ofender ninguém). Uma vista de olhos por manuais e compêndios da chamada escolaridade, com os quais se tiranizam as jovens inteligências, evidencia de que maneira a ciência em geral e as ciências humanas em especial, conseguem ser, para os cérebros jovens, mais violentas do que pau, picareta ou buldozer. A universidade não dorme, não. E o poder do saber muito menos. [1985, CPT]

CUSTOS - Tendo aplicado a lógica (dita económica) do cifrão a tudo o que existe, mexe e vive, de repente o sistema espanta-se que lhe falem nos custos daquilo que secularmente e inadvertidamente se considerou gratuito: quanto custa um pôr do sol, quanto custa um copo de água límpida, quanto custa uma paisagem, quanto custa ter saúde, quanto custa, enfim, o que não tem preço (qualidade). [Ver DESECONOMIAS EXTERNAS e QUALIDADE DE VIDA]

+

2382 caracteres<eh-D><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

D

DOENÇAS PROFISSIONAIS - Entre os assuntos sistematicamente silenciados pela algazarra mediática, as «doenças profissionais» é dos que mais raramente quebram a barreira do Tabu. Se não fossem as convenções da OIT - nunca ratificadas em Portugal - talvez não soubéssemos que são muitas e graves as doenças profissionais e as situações de insegurança e alto risco em locais de trabalho. As convenções da OIT são, pelo número e pelos temas tratados, o único sinal de alarme a dizer que o mundo do trabalho é também um mundo de tecnoterror. Em artigo de «A Capital» (13/8/1983), dava-se uma lista dessas convenções. Das aprovadas para ratificação, indicavam-se as seguintes:

- Convenção 148 - Ambiente de trabalho (poluição do ar, ruído e vibrações), 1977
- Convenção 120 - Higiene no Comércio e Escritórios, 1964
- Convenção 73 - Exame médico dos Marítimos, 1946
- Convenção 18 - Doenças Profissionais, 1925
- Convenção 17 - Reparação de Acidentes de Trabalho, 1925
- Convenção 12 - Reparação de acidentes de trabalho na agricultura

- Convenção 6 - Trabalho Nocturno de menores (indústria), 1919

A lista das convenções ainda não ratificadas - «em estudo» - era lamentavelmente maior:

- Convenção 139 - Prevenção e controle dos riscos profissionais causados pelas substâncias e agentes cancerígenos, 1974

- Convenção 138 - Idade Mínima de admissão ao emprego, 1973

- Convenção 136 - Protecção dos perigos de intoxicação pelo

- Convenção 127 - Peso máximo das cargas que podem ser transportadas por um só trabalhador, 1967

- Convenção 121 - Prestações em caso de acidentes de trabalho e doenças profissionais, 1964

- Convenção 119 - Protecção das máquinas, 1963

- Convenção 115 - Protecção dos trabalhadores contra as radiações ionizantes, 1960

- Convenção 78 - Exame médico de aptidão para o emprego na indústria, das crianças e adolescentes, 1946

- Convenção 77 - Exame médico de aptidão para o emprego na indústria, das crianças e dos adolescentes, 1946

- Convenção 62 - Prescrições de segurança na indústria da construção civil

DROGA - Drogas boas e drogas más: ou Química, o mal absoluto? O mar de produtos químicos face à hipocrisia anti-tabagista primária. Distinguir entre a droga que o sistema considera boa e fomenta e a droga que, embo+ra fomenta, considera má para efeitos de galerias e para tornar mais apetecido o fruto proibido. [11/2/1984]

+

1128 caracteres <eh-f><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

F

FOME - Se alguém em Portugal tem fome, a primeira, segunda e última medida que se toma para o socorrer é um enorme, substancial discurso sobre a fome, o desenvolvimento, o mercado comum, a pobreza, as estatísticas da pobreza, a entrada, a modernização, o planeamento a longo e médio prazo, enfim, sobre a problemática da temática da emblemática da informática da robótica. Se alguém precisar de ajuda, recebe o blá-blá das ideologias em desenfreada órbita, em profuso uso e abuso no espaço demencial mental português. Se alguém tivesse fome ou precisasse de ajuda na antiga China, o provérbio taoísta aconselhava que se lhe desse de comer e, simultaneamente, que se ensinasse a dita pessoa, esfomeada, a pescar. Quer dizer, o sistema taoísta, de raiz realista e ecológica, preconizava a auto-suficiência e que se ensinasse ao necessitado a tecnologia apropriada (TA) que lhe permitisse, por si, prover ao seu próprio sustento, satisfazer as próprias necessidades. Como se vê, a diferença de fundo não é filosófica mas de olhos: na China usam-se em oblíquo, enquanto na Europa cristã predomina o horizontal. Feitios. [2/3/1985]

+

398 caracteres <eh-h><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

H

HOLOCAUSTO - Uma civilização que tem no holocausto atómico o seu inevitável e lógico desfecho (e que nem sequer tem coragem de o consumir) não precisa de que outros a condenem. Está auto-condenada. Ora uma civilização auto-condenada, não precisa de ser combatida teoricamente com argumentos ideológicos. Ela própria é, na prática, a prova real da sua auto-condenação. [10/11/1984]

+

394 caracteres<eh-i><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

I

INVESTIGAÇÃO - Se a investigação dita científica está hoje controlada pelas forças multinacionais que financiam os investigadores universitários, é evidente que só a investigação independente pode avançar na verdade: tudo o resto limita-se a reforçar e a multiplicar a mentira. Uma pedagogia de rotura com o sistema terá que promover a investigação dos temas mais impopulares ou heréticos.

+

834 caracteres <eh-m><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

M

MACRONOTÍCIA - Macronotícia poderia ser a palavra para designar aqueles acontecimentos que não se esgotam na efemeridade do imediato e do curto ou médio prazo, mas que prolongam os seus efeitos no tempo até ao limite que poderíamos dizer «eternos», atendendo à duração média de uma vida humana. Chernobyl é talvez a maior das macronotícias que já houve, depois dessa outra que foi Hiroxima. Trata-se de um acontecimento cujos efeitos ainda não conseguimos compreender e apreender em toda a sua extensão. Há mesmo quem atribua a Perestroika a Chernobyl e a hipótese tem foros de verosimilhança já que ninguém consegue encontrar explicação (mais) plausível para o epicentro que produziu o maior terremoto político da história contemporânea. (Out-Dez°, 1989) (Ver TELE-EFEITO)

MÉDICOS DO TRABALHO - [In CPT, 13/8/1983]

+

123 caracteres <eh-p><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

P

PESTICIDAS - Geram no ambiente radicais livres que agredem as células cerebrais, causando lesões (DN, 21/6/1993)

+

658 caracteres <eh-r><eh-r><dicionar>

DICIONÁRIO DE ECOLOGIA HUMANA

R

RUÍDO - O Ruído -- como caso especial de poluição -- é outro problema que não interessa ao sistema resolver. Ele é a máquina de alienar mais económica e eficiente, as próprias vítimas fornecem a mão da obra, visto que são elas a accionar as fontes produtoras de ruído. O ruído -- como estado de superintoxicação psíquica -- é portanto um viveiro de indústrias a manter. Os psiquiatras são apenas uma das muitas classes que ganham com o ruído. Seguem-se os farmacêuticos. E, de uma maneira geral, todas as clínicas ligadas a doenças do foro neurológico e psiquiátrico. Nenhum governo vai acabar com o ruído.

+

3655 caracteres<eh-s><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

S

SILENCIAMENTOS - [Ver DOENÇAS PROFISSIONAIS]

SÍMBOLOS - De que forma o «fantástico» irrompe no contexto do nosso tempo-e-mundo? Não é possível entender o género fantástico sem o ligar às condicionantes gerais do mundo contemporâneo que é, aliás e à partida, um tempo-e-mundo onde exactamente se fundem, numa amálgama indescritível, o cómico, o trágico, o real (e) o fantástico, o terror-humor, o humor negro, o non sense, o anacrnismo. O que faz do surrealismo uma corrente ainda na moda é ter posto em funcionamento, na chamada literatura e nas chamadas artes, alguns desses mecanismos que definem, realmente, realisticamente, o tempo-e-mundo contemporâneo. Mundo que só consegue ser pensável e compreensível através da ficção. O tempo-e-mundo contemporâneo ultrapassou de tal modo a realidade que só podemos pensá-lo e compreendê-lo através da ficção e do fantástico. Todos os recursos «clássicos» de ficcionar a realidade, desde o símbolo à alegoria, são também convocados e comparecem na actualidade como componente do fenómeno cultural designado de fantástico. Antes de que o mundo concentracionário se tornasse realidade histórica, Franz Kafka deu dele a antevisão através das suas fantásticas alegorias. O símbolo, nesse caso, antecedeu a realidade. Ou a realidade copiou a ficção. [28/2/1990]

SINDICATOS - Se os Sindicatos dependem dos trabalhadores e os trabalhadores dependem da grande indústria para sobreviver, é evidente que a não podem pôr radicalmente em causa. Só lhe podem fazer críticas de circunstância e conjuntura. Na tarefa de transmitir informação fundamental aos cidadãos - para que se auto-organizem, auto-emancipem, auto-libertem - não poderá o realismo ecológico contar com as chamadas «forças sindicais» que, a resepto de industrialização pesada, estão sempre de acordo com o crescimento do cancro e sua socialização, porque - diz-se - o crescimento cria empregos e postos de trabalho. Nem que seja.., como dizia a anedota, a fabricar caixões para as vítimas do Nuclear. Aliás, todas as forças de esquerda são intransigentes. Industrializar é que é bom, sendo só questão de saber a que Padrinho se deve então fidelidade, a que imperialismo obedecer. Os objectivos da esquerda são, neste caso, iguais aos da direita: reactores atómicos, indústria adubeira próspera, muitos planos de super-alquevas, supersónicos Tupolev, satélites e estações espaciais, petroquímicas, bombas, enfim o crescimento industrial expansionista. Não se pode exigir, aliás, que seja o movimento sindical que critique a indústria que «dá emprego» aos sindicalizados. Dependente da grande indústria, produto dela, o sindicato não pode ter opinião independente e radical sobre a indústria que emprega seus filiados. É esta contradição material que torna todo e qualquer sindicato - e por maioria de razão, todo e qualquer partido - incapaz de assumir a defesa - coerente, integrada, global e total - de um realismo ecológico consequente. É esta contradição também que torna impossível a aliança dos ecologistas aos movimentos sindicais. [+- 1975]

SISTEMA - O sistema que vive de ir matando os ecossistemas, age segundo leis infalíveis e uma lógica implacável. Ecologia é a descoberta das leis que regem o funcionamento do sistema. O realismo ecológico gaba-se de ter descoberto algumas dessas leis fundamentais que regem a lógica do sistema, cuja vida consiste em ir matando os ecossistemas. [10/11/1984]

SOFISMAS - Os números em avalanche (mentira estatística) conseguem bloquear a iformação clara e essencial, tecnocratizando-a ou hermetizando-a. São um dos Sofismas mais vulgares de um sistema estruturalmente sofístico.

+

914 caracteres <eh-t><eh><dicionar>

Dicionário de Ecologia Humana

T

TECNOFASCISMO - A Ecologia, tal como a Sociologia, pode constituir o caminho mais directo para o tecnofascismo. Analisemos porquê. É subtil e quase não se nota a fronteira entre a verificação dos factos e a sua manipulação. Se às ciências do «envolvente» - ecologia, sociologia, epidemiologia - cabe definir em que medida o meio determina o comportamento, é evidente a sedução que exercem sobre quantos (e são todos) gostam de manipular o comportamento do próximo. Sociólogos e ecólogos estão sempre à ilharga dos manipuladores de corpos e consciências, como mostram os casos espectaculares de Darwin (livro de cabeceira de Hitler, Mao e Marx), de Konrad Lorenz, de Watson e outros behavioristas, de Pavlov e outros pavlovianos. Neste trabalho de «manipular o homem pelo homem», os ecólogos figuram em lugar de destaque e uma pergunta fica de prevenção: em que medida os ecólogos concorreram, mais do que ninguém, para a manipulação moderna, para a capacidade que esta engrenagem totalitária tem de alienar, domesticar, treinar as massas no seu próprio auto-aviltamento e na sua própria auto-destruição? [+- 1975]

TELE-EFEITOS - Ou efeitos à distância, caracterizariam o nosso tempo de catástrofes brutais (as que aparecem à boca de cena dos jornais) mas também e principalmente de catástrofes difusas, que vão contaminando e corroendo o meio silenciosamente e sem ninguém dar por nada. A macronotícia só dá notícia quando é novidade, depois desaparece dos «media», exactamente pela própria definição de notícia. Quando o tele-efeito explode, inopinadamente, em sintoma, doença ou manifestação pública, todos os doutores se espantam muito e ...inventam um vírus. Construimos pacientemente, por acumulação de erros e crimes, as nossa doenças e epidemias, a que depois a ciência pitosga atribui causas perfeitamente anedóticas, porque fortuitas, porque teológicas e medievais quanto baste. (Out-Dezº, 1989)

+

1335 caracteres <pit-v><dicionar>

Dicionário Pitoresco

V - VEGETARIANOS - «Os portugueses comem cada vez mais carne» descobriu há dias um matutino em manchete de 1ª página. As estatísticas confirmam assim os rumores tão insistentes no (nosso) jardim zoológico. De facto, desde que a distinta classe política começou a confessar que comia corpulentos animais ferozes ao pequeno almoço, o hábito generalizou-se e já ninguém come pescada, que está cada vez mais barata aliás. Desde sapos a elefantes e de javalis a dinossauros, foi um ver se te avias. Do Jardim Zoológico dizem-nos que já só existem jacarés destinados a reprodução mas a continuar esta orgia proteica, a breve trecho serão racionados e reservados só aos frequentadores de S. Bento, Belém ou, vá lá, Rua Gomes Teixeira. Assim seremos em breve 9 milhões de vgetarianos para meia dúzia de carnívoros, proporção que nos dizem perfeitamente aceitável para entrar no Mercado Comum da Vaca. O PPM fala já em referendo. A escolha é fácil, a escolha é sua: dar-lhe-ão a ampla liberdade de escolher. enquanto cidadão, enquanto eleitor, enquanto 1/9 milhões de avos, entre Pepino e Cenoura. Esquecendo você, cidadão livre de uma pátria europeia e democrática, que em tempos se entregava às orgias e aos prazeres da carne. Democraticamente, vamos ser todos vegetarianos, pois já há muito poucos jacarés no mercado.[In CPT, 17/5/1982]

+

1012 caracteres<vacinas><dicionar><eh><saude>

Dicionário de Ecologia Humana

V - VACINA - Durante mais de oitenta anos, existiu em Londres uma revista dedicada a propaganda contra a vacinação antivariólica, intitulada «The Vaccination Inquirer», tendo acumulado inúmeros testemunhos sobre a inutilidade e perigos da inoculação. De vez em quando, no Parlamento inglês, um deputado encarrega-se de fazer uma interpelação ao ministro da Saúde acerca do assunto, e muitos ministros respondem dando razão aos interpelantes. Um diz por exemplo: « Na Inglaterra e País de Gales, nos últimos 22 anos, até Dezembro de 1953, apenas duas crianças com menos de cinco anos morreram de varíola. No mesmo tempo, morreram cem crianças vitimadas pela vacinação. De 1938 e 1942, registaram-se vinte mortos, em crianças de menos de cinco anos, atribuídas à vacina e nenhuma à varíola.». A Grã Bretanha é também o país onde vigorou durante anos uma disposição legal chamada «cláusula de consciência» - que salvaguarda o direito de os pais não autorizarem a vacinação dos filhos.

+

1216 caracteres<psicanal>

PSICANÁLISE

Exemplo de um ramo que nasceu da medicina perene de raiz hipocrática é a Psicanálise.

Tal como a Homeopatia, é de formação recente e a sua descoberta pode localizar-se num homem que, para o caso, até era praticante da medicina hoje considerada ortodoxa.

Apesar de contestada, mais pelos seus princípios filosóficos do que pelas técnicas a que recorre, a Psicanálise acabou por ser reconhecida no «meio» e hoje pode figurar, está autorizada a figurar, entre as medicinas oficiais.

No entanto e por natureza, ela inclui-se logicamente entre as terapêuticas suaves, não-violentas, globais ou holísticas.

O que une a Psicanálise ao tronco comum da medicina de sempre e automaticamente a separa da ortodoxia vigente é o seu atributo fundamental de não utilizar a química.

Estranho, portanto, que a psicanálise não figure em assembleias e conjuntos da Medicina Alternativa, ou não seja considerada uma componente da naturopsicoterapia moderna onde é, aliás, o seu lugar lógico. E mais estranho ainda que não seja alvo da sanha inquisitorial com que os representantes da quimioterapia alopática costumam afrontar tudo o que lhes cheira a alternativas ecológicas.

+

13709 caracteres <xilofene><dicionar><eh><saude>

XILOFENE : UM DOSSIER MALDITO

«Os países membros da OCDE estão entre os principais produtores, exportadores e importadores de produtos químicos», gabava-se um relatório da O.C.D.E. (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico), adoptado em 4 de Abril de 1984, que recomenda, portanto, cuidado aos países membros, considerando que «aos países importadores incumbe a responsabilidade da protecção do homem e do ambiente contra os riscos ligados às importações de produtos químicos nos seus territórios.»

A recomendação vai, pois, no sentido de preparar países subdesenvolvidos como o nosso para poderem vir a receber ainda mais produtos químicos, incumbindo-nos a nós tomar precauções.

2

«Vamos viver com os venenos que temos» passa a ser, assim, a palavra de ordem nos países industriais, onde os imperativos de ordem económica acabam sempre por prevalecer sobre os de segurança e saúde do cidadão.

«Viver com os venenos que temos» é o axioma indiscutível que se pode concluir da legislação em curso no âmbito dos organismos europeus, quer da CEE, quer da OCDE, que não existem para evitar ou expulsar os riscos mas para nos acostumar a coexistir com eles: ao preço, evidentemente, daquilo a que se chama «saúde pública».

Salta à vista do cidadão comum, primeira e última vítima dos produtos perigosos à solta no Ambiente, que a chamada política de prevenção se destina apenas a «conformar» as vítimas com a sorte que têm e a manter sem sobressaltos a engrenagem instalada, sem que se coloque jamais a hipótese de reduzir riscos e eliminar fontes de sinistralidade ou patologia.

A política reformista do Ambiente existe para nos «resignar» e para amortecer alguma veleidade de revolta que ainda pudesse persistir nos nossos corações cansados de violência química. Salta à vista do mais desatento observador que os esforços da CEE para «regulamentar a catástrofe» e «gerir a morte e a doença» são incapazes de minimizar, o mínimo que seja, riscos, perigos e problemas dos numerosos produtos tóxicos que às centenas se fabricaram, fabricam e continuam fabricando, sem que ninguém de ordem de «stop».

Ainda que o combate contra produtos perigosos registasse alguns êxitos(o que não é o caso), ainda que a legislação se cumprisse (o que não é literalmente o caso em países de proverbial bandalheira legislativa como Portugal), seria impossível à chamada «protecção civil» travar o ritmo alucinante a que se desenvolve a catástrofe na sociedade industrial, que, por isso mesmo, depois de «sociedade do luxo e do lixo» foi também cognominada como «sociedade da catástrofe»

Cada vez o desfazamento entre o perigo conhecido e o perigo imprevisível é maior. Cada vez é maior também o desfazamento entre o perigo controlável e o que completamente escapa a qualquer medida ou capacidade humana de controle. Se todos os anos, sem que ninguém diga «basta», entram no mercado novos produtos químicos, tão desconhecidos como os que já cá estão(no que respeita aos seus efeitos fisiológicos e metabólicos), a política de segurança perseguirá a sua própria sombra sem nunca a alcançar e de política de saúde nem vale a pena falar: porque não há diagnóstico possível de novas doenças, quando estas surgem num ambiente contaminado por agentes químicos susceptíveis de provocar, nunca se sabe onde e quando, as mais estranhas e inesperadas doenças.

Como se pode falar hoje de saúde, esquecendo este factor (do meio) ambiente? Como se pode falar de saúde, ignorando aquilo que fundamentalmente a está condicionando? Trazer, a propósito de tudo e de nada, vírus desconhecidos ao barulho, começa a constituir uma desculpa esfarrapada que a sociedade industrial encontra para justificar os seus crimes e que a opinião pública começa a ter dificuldade em aceitar.

3

Juristas deitam as mãos à cabeça e proclamam-se impotentes para definir esta nova tipologia de «crimes contra a saúde e a segurança pública».

Carlos Ferreira de Almeida, advogado, especialista em Direito do consumidor e assistente jurídico da Associação Portuguesa de Defesa dos Consumidores (DECO), confessa que «estamos no ponto zero em matéria de protecção contra riscos, responsabilidade de produtos e segurança contra produtos perigosos.»

[Interpelou os representantes das confederações presentes, a da Indústria e a do Comércio, que se manifestaram «sensibilizados» para o assunto mas ainda sem posição tomada.]

4

A julgar pelos escassos progressos verificados no combate aos «produtos perigosos», há ainda poucos organismos em Portugal vocacionados para combater riscos, produtos, venenos e fraudes.

O Gabinete de Defesa do Consumidor e o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor são manifestamente poucos, a julgar pelo que está por fazer e pelo andamento que tem tido a política do sector.

Como diria um ilustre médico, é querer curar cancro com aspirina ou matar mosquito com canhão.

Por mais organismos que se desunhem a lutar contra riscos, poluições, explosões, tóxicos, venenos, produtos perigosos que infestam o ambiente e atacam o consumidor, nunca serão suficientes e a sua

ingente luta nunca conseguirá evitar que a desastrosa sociedade industrial vá semeando doentes e cadáveres pelo caminho.

Entre as profissões, aliás, que não podem viver sem doentes nem mortes, a de jornalista é uma delas.

Mas quantas outras profissões não estão também dependentes desse contingente de catástrofe?

A CEE preocupa-se, mas pouco mais pode fazer do que preocupar-se e emitir directrizes dos seus comités científicos aos países membros. Directrizes que não impediram que Seveso transbordasse Dioxina para a eternidade, que na Espanha a chamada «pneumonia atípica» tivesse constituído um dos maiores genocídios em tempo de «paz», que outros pequenos nadas do quotidiano do consumidor continuem a proliferar e a matar.

5

[As listas negras, quando são elaboradas (e raramente o são), não há espaço que chegue nos jornais para as publicar, de tão extensas...

Da lista negra de acidentes que foram objecto de uma troca rápida de informações, desde Setembro de 1979, no âmbito da Comissão das Comunidades Europeias, limitamo-nos a escolher apenas algumas, as que também já têm ou podem vir a ter expressão no nosso país.]

6

Há a contar com um certo fundo sadomasoquista dos povos latinos, nomeadamente o português. Não só suportam, calados, todas as agressões da classe dominante, como ainda pedem mais.

No caso dos consumos patogénicos, desde que a televisão diga que dão mais vida, nada feito: nem médicos, nem nutricionistas, nem ecologistas, nem higienistas conseguem desconvencer as massas das virtudes que margarinas, bebidas, «sprays», cosméticos, conservantes de madeiras têm para os telespectadores absolutamente convencidos de tanta virtude e prazer.

O secretismo de organismos, direcções gerais, secretarias de Estado, agudiza-se, à medida que as firmas «culpadas» intensificam as suas manobras de pressão para se ilibarem de tudo o que de cancerígeno, patogénico, perigoso, tóxico lançam no mercado.

7

Se o assunto dos «produtos perigosos» não é para tratar nos jornais, talvez porque desgraças já a gente tem muitas, a verdade é que a informação entre organismos oficiais também não circula.

Como referiu a Dr^a Arlinda Borges, médica do Centro de Informação Anti-Venenos, o inventário de produtos, só por si, não chega, é preciso saber os casos que assumem maior relevo, gravidade e frequência (incidência estatística).

Há, segundo diss, «uma percentagem baixa de acidentes por afogamento ou electrocussão mas a percentagem de «intoxicações acidentais» por produtos químicos em casas e campos é muito elevada».

«Seria aconselhável - acrescentou - a prevenção primária desses casos.»

8

Duas operárias, pelo menos, já morreram em Portugal em condições trágicas quando manuseavam, em fábrica do norte do País, um produto designado comercialmente «Xilofene».

Relatórios do Instituto de Medicina Legal a que tivemos acesso, concluem que a relação causa-efeito é iniludível mas que (pasmese) nada se pode provar contra o produto.

Este continua a vender-se no mercado com um rótulo em que remete para o utente todas as responsabilidades e riscos decorrentes do seu manuseio. De vez em quando, o produto é publicitado na RTP.

São dois mundos paralelos que nunca se encontram: o mundo do negócio está sob jurisdição diferente do mundo do consumidor.

[Em matéria de jurisdições, a semana foi elucidativa: enquanto pela banda do Ministério da Qualidade de Vida (Gabinete de Defesa do Consumidor e Instituto Nacional de Defesa do Consumidor), se convidavam especialistas da CEE (Taschner, Sheen, Kramer), eis que o Instituto de Qualidade Alimentar convidava um especialista da CEE.

Graças a esta intensa actividade de importação e adequação à legislação comunitária, pode o consumidor português dormir mais descansado.]

9

Na melhor das hipóteses, a política de segurança ambiental joga no adiamento. Mas se já existe uma lei de bases ou lei-quadro de defesa do consumidor, e se já não se pode distrair nem adiar, clamando que «falta uma lei», usa-se então uma ligeira variante: «Temos que esperar agora que saia a regulamentação», será então o discurso na voz dos dirigentes responsáveis [como referiu a dr^a Helena Quelhas, economista da Confederação da Indústria Portuguesa.]

10

Data de 27 de Janeiro de 1977, a Convenção Europeia sobre a responsabilidade quanto a produtos em caso de lesões corporais ou morte, aprovado pelo Conselho da Europa.

Sublinhe-se, como curiosidade deliciosa, que o artigo 9 da referida Convenção «não se aplica - textual - aos prejuízos nucleares.»

O nuclear está sempre para lá do bem e do mal, da lei e das Convenções.

Tratando-se de produtos perigosos, é evidente que o nuclear não deve figurar na lista negra.

Tenebroso e superperigoso é, sim, o ginseng da Coreia e os produtos fitofarmacêuticos ou dietéticos que continuam a assolar os mercados, sem legislação nem fiscalização, nem controle.

Quando a enciclopédia britânica já não tem folhas que cheguem para lá figurar toda a lista negra de pesticidas, antibióticos, cortisonas, vacinas, etc., quando o ritmo de produção de novas substâncias químicas aumenta todos os anos a um ritmo tal que já ninguém o consegue apanhar, eis que o perigo número 1 vem afinal do ginseng ou dos produtos dietéticos. Eis que o seminário se preocupa em pedir a repressão fiscalizadora dos «dietéticos».

Onde está, afinal, o perigo e o inimigo principal do consumidor, quando o nuclear está fóra das leis e das convenções, não devendo por isso preocupar-nos?

11

Segundo se depreende de uma recomendação do Conselho da OCDE, adoptada em 28 de Abril de 1981, é muito difícil retirar do mercado um produto.

Caso se verifique perigo, ele terá que ser suficientemente provado e comprovado para levar a firma a retirar o produto.

Quer dizer: enquanto não se verificarem casos de escândalo público, mortos e feridos, de preferência crianças, é difícil agir.

O consumidor tem por isso e pelo menos, uma certeza: servirá de cobaia até que haja suficientes vítimas juncando o terreno. Em nome do progresso tecnológico, evidentemente.

Só quando «os riscos se revelarem substanciais e graves, os fabricantes e/ ou fornecedores deverão retirar o produto do mercado, modificá-lo ou substituí-lo por um produto idêntico ou similar...»

12

Como referiu Miguel Marañon Barrio, secretário geral para o consumo de Espanha, foi «devido aos trágicos acontecimentos provocados pela intoxicação com óleo de colza», que se verifica uma «lei de reforma urgente do Código Penal» para, a posteriori, regulamentar o «crime» praticado.

Em virtude dessa «lei de reforma urgente», estipulou-se que o produtor, distribuidor ou comerciante que ofereça no mercado produtos alimentares (omitindo ou modificando as formalidades estabelecidas) e que põe em perigo a saúde dos consumidores será punido com a pena de prisão entre seis meses a seis anos e a multa de 750 mil pesetas até 3 milhões.»

É um caso típico de experiência laboratorial «in vitro» e «post-mortem».

O homem cobaia dos consumos.

13

Se a corrida na Europa da CEE para ultrapassar o camião-cisterna dos produtos perigosos acusa poucos progressos legislativos, em Portugal o desfazamento é ainda maior, conforme se deduz das

directrizes e proposta de directrizes que a CEE já conseguiu publicar, no âmbito dos cinco direitos fundamentais que a CEE definiu:

- a) direito à protecção da saúde e segurança
- b) direito à protecção dos interesses económicos
- c) direito à reparação dos prejuízos
- d) direito à informação e à educação
- e) direito à representação (a ser ouvido).

14

O carácter de proliferação cancerígena que torna os chamados produtos perigosos um caso de vida ou de morte, um caso de ecologia humana, que só pode colocar-se em termos de civilização que se afunda nos seus próprios excrementos.

Tudo o que se fizer, ao nível reformista e do remendo, não altera o ritmo deste apocalipse químico.

Para todos os apocalipses, a única resposta de esperança são duas letras: T.A.'s, que se podem traduzir por Tecnologias Apropriadas ou Alternativas.

Reconhecido o carácter circular da contaminação química e adjacentes, o redemoínho tende a crescer e a nunca mais parar.

Medidas reformistas e legalistas, que adiantam?

A única certeza a retirar desta morte em autogestão é uma lição de ecologia humana.

Ou mudamos, ou perecemos num chavascal chamado progresso químico.

+

biocídio-<cautela>

INTUIÇÕES AC NUNCA DESMENTIDAS
PUBLICADOS AC 1972/1973
DO BIOCÍDIO À BIOCRACIA(*)

[Escrito em 1972/1973 - ano das «aparições» - este texto resume as teses sobre Biocídio e Biocracia então elaboradas e foi publicado na colecção Mini-Ecologia, caderno nº 3, «Do Biocídio à Utopia Ecológica». É, de facto, uma tese maldita, que até hoje nunca vi desmentida mas tão pouco vi também apoiada ou discutida: tal como num tacho quente, nem com um trapo lhe mexem.]

Uma teoria unitária da vida e da morte, do princípio e do fim, do orgânico e do inorgânico, do individual e do colectivo, do bem e do mal, da imaginação e da ciência, da inteligência e da poesia, na sua indissolúvel relação dialéctica, eis o que se propõe o autor deste ensaio.

Partindo de um facto - o Biocídio sistemático e deliberado do nosso tempo - , demonstrado por centenas de notícias recolhidas da imprensa mundial nos últimos 10 anos (1963-1973), o que se pretende é estabelecer uma relação profunda entre essa constante da civilização moderna e a constante paralela que se pode cifrar neste neologismo: Biocracia.

[É como se, pela biocracia e pela vida de laboratório, o sistema se tentasse redimir do crime de biocídio sistematicamente praticado, a Leste e a Oeste].

A tese fundamental deste ensaio é que a Biocracia, a manipulação da vida é o recurso emergente e reaccionário utilizado por um sistema estruturalmente homicida, para ocultar com «vida de laboratório» as vidas que efectiva e realmente vai destruindo.

As demiúrgicas ambições de criar, manipular, gerar vida no laboratório, bebés-provetas, transplantações de órgãos, proteínas a partir do petróleo, homens-robots e outras fantasias de feira, são apenas a suprema, derradeira, demagógica e paroxística operação a que o sistema deita mão para ocultar crimes sistemáticos e para sobreviver, sabendo que não pode, por estrutura e natureza, sobreviver um sistema que se caracteriza pela sua perpétua autodestruição,

Eis porque a Biocracia será apenas o outro lado do Biocídio.

(*) É um ambiente inegavelmente atraente para ficcionações, narrativas do ano 3000, fabulosas efabulações, ligando-se a todas as metáforas orgânicas e metabólicas: se essa da teoria unificada era um tanto ambiciosa e megalómana, não deixa no entanto de continuar vivaz a intuição que lhe preside: os pontos cruciais ou multiplamente abrangentes acabam por ser sistematizáveis numa eventual EH. Da qual continuamos, sem saber, a ser Cobiaias. [Repesc., 11/11/1990]

+

4301 caracteres <talassot><tele>tele-consumidor

Alquimia dos Elementos

O SEGREDO DO IODO

Se a talassoterapia existe como terapia do mar, devemos saber as razões profundas porque isso acontece.

O famoso Iodo, que o Sol ajudaria a fixar e que seria o alimento de uma das principais glândulas endócrinas, dá o lamiré sobre a importância terapêutica reconhecida ao mar. Mas o Iodo é apenas um dos múltiplos oligoelementos que se encontram no Mar (como se encontram no simples sal marinho...desde que integral) e dos quais o ambiente saturado de produtos químicos despojou o organismo humano.

Neste caso concreto, a causa primordial das doenças não é só o stress, o trabalho, o caos urbano, é pura e simplesmente a carga de produtos químicos existentes no Ambiente (ar, água e solos), na comida, nos cosméticos e desodorizantes pessoais, nos vaporizadores e desinfectantes ou desinfestantes domésticos, nos medicamentos, nos conservantes alimentares, etc. - produtos químicos estes que, entrando no organismo, o despojam dos subtis elementos-traço a que chamam Oligoelementos ou Bioelementos.

Sem essa defesa invisível, o organismo fica exposto a todas as agressões, sem força para fazer frente a doenças infecciosas ou alérgicas, agudas ou crónicas.

O Mar tornou-se uma fonte terapêutica importante, na medida em que a Terra-Planeta se transformou em uma enorme cloaca química, em que pesticidas, herbicidas, adubos fosfatados e potássicos, medicamentos, aditivos, conservantes e corantes alimentares, margarinas, medicamentos, aditivos, conservantes e corantes alimentares, margarinas, cosméticos, refrescos, etc.. têm todos em comum essa particularidade: varrem do organismo os oligoelementos essenciais, sem os quais não é possível à célula manter as reacções químicas necessárias ao metabolismo.

Os primeiros a sofrer, dentro do organismo humano, porque vivem fundamentalmente dessa energia subtil dos oligoelementos, são o sistema nervoso e endócrino. Atrás desses, adoecem os outros.

Para isto e curiosamente, a Quimioterapia receita outro poluente químico - o Medicamento - que vai igualmente varrer os poucos oligoelementos que o organismo, por acaso e sorte, ainda possa manter.

Face a esta invasão química, o Mar desempenha o papel de cura total, pela razão simples de que tem, às toneladas, o que o organismo necessita em miligramas.

Não poucos laboratórios têm aproveitado esta «mina» para comercializar, em frascos, a riqueza infinita do Mar. Meter o Oceano no armário do doente é uma ambição legítima. A indústria das Algas é exemplo frisante. E se o Sal integral ou não refinado, se tornou igualmente um produto raro, foi porque as autoridades que regem a saúde pública, teimam em proibir a sua venda ao público, que deve contentar-se com «apenas» um dos 63 sais contidos no Sal - o cloreto de Sódio - naquilo que comprar e que se chama «Sal refinado».

Mas o Mar pouco mais seria do que uma distração para snobs ricos, se de facto a Terra, enquanto Planeta, não tivesse sido transformada em uma cloaca química. O Mar surge como a única e grande porta de saída para o Planeta Terra.

Todos os adicionais terapêuticos que a publicidade anuncia para tornar mais atraentes as «estâncias de cura marinha» são, à face desta realidade - os Oligoelementos - pouco mais do que uma «atração

tirística». Balneoterapia, exercícios físicos, ginásticas aplicadas, são meios adjuvantes, sem dúvida, e como tal têm a sua relativa importância. Mas o segredo terapêutico está nos Oligoelementos.

As preocupações «estéticas» de senhoras e cavalheiros, que desejam entre si agadar-se, têm no mar e seus produtos um «oceano» de respostas. Mas a resposta é só uma e simples como o Mar: se os Oligoelementos correctos actuam principalmente no sistema nervoso e endócrino, actuam exactamente nos sistemas que mais contribuem para os atributos típicos ou característicos quer da Masculinidade quer da Feminilidade. Se a beleza corporal tem a ver com a fadiga, o envelhecimento, a flacidez da pele, a celulite, as unhas, as rugas, etc. e se tudo isto tem a ver com Oligoelementos, é elementar que a cura marinha é uma cura de beleza porque é uma Oligoterapia. Assim a moda criminosa do bronzamento deixasse. Por enquanto, e por estranho que pareça, em vez de cura de saúde, as pessoas vão à praia, enquanto a moda dos bronzamentos durar, encontrar a morte e ainda mais doenças.

+

<demagog> <ficcoes><vozes><jornal do gato><inventar> <1990>

MANOBRAS DE DISTRACÇÃO

Várias formas de manipulação de massas em que são especialistas jornais e telejornais

Bodes expiatórios

As partes pelo todo

Com o pequeno se oculta o grande

Com o desimportante se oculta o grave

Com o folclórico se oculta o trágico

Caso isolado faz esquecer crime sistemático

Polémica das pulseiras magnéticas fazem esquecer miséria suburbana dos sem casa

Criticar anúncios de falsos profetas faz esquecer que toda a publicidade é violência manipulatória

Prego descoberto no iogurte faz esquecer produtos cancerígenos às centenas na alimentação

Situações de pormenor e anedota fazem esquecer planos megalómanos de destruição a médio e longo prazo

Publicidade encapotada do Vitinho faz esquecer que toda a publicidade é (encapotada) violência manipulatória das consciências

Enquanto se fala de mais uma taveirada, não se fala de mais alguns suicídios nas penitenciárias portuguesas

Enquanto se fala de Ribakov não se fala de Maria Archer, de ester de Lemos, de Patrícia Joyce, de Luísa Dacosta, de uma série de escritores e escritoras excepcionais votas ao esquecimento

+

15232 bytes <xilofene> (REPETE ANTERIOR DO MESMO NOMES!!!!!!!)

Problemas da «Saúde Pública» (Ecologia Humana)

PRODUTOS PERIGOSOS NA CEE

O caso particular do Xilofene

Paço de Arcos, 18/9/1990 - «Os países membros da OCDE estão entre os principais produtores, exportadores e importadores de produtos químicos», gabava-se um relatório da O.C.D.E. (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico), adoptado em 4 de Abril de 1984, que recomenda, portanto, cuidado aos países membros, considerando que «aos países importadores incumbe a

responsabilidade da protecção do homem e do ambiente contra os riscos ligados às importações de produtos químicos nos seus territórios.»

A recomendação vai, pois, no sentido de preparar países subdesenvolvidos como o nosso para poderem vir a receber ainda mais produtos químicos, incumbindo-nos a nós tomar precauções.

Este elucidativo relatório foi um dos documentos difundidos no «seminário sobre responsabilidade pelos produtos e segurança de produtos, realizado em Lisboa em 1990)

2

«Vamos viver com os venenos que temos» passa a ser, assim, a palavra de ordem nos países industriais, onde os imperativos de ordem económica acabam sempre por prevalecer sobre os de segurança e saúde do cidadão.

«Viver com os venenos que temos» é o axioma indiscutível que se pode concluir da legislação em curso no âmbito dos organismos europeus, quer da CEE, quer da OCDE, que não existem para evitar ou expulsar os riscos mas para nos acostumar a coexistir com eles: ao preço, evidentemente, daquilo a que se chama «saúde pública».

Salta à vista do cidadão comum, primeira e última vítima dos produtos perigosos à solta no Ambiente, que a chamada política de prevenção se destina apenas a «conformar» as vítimas com a sorte que têm e a manter sem sobressaltos a engrenagem instalada, sem que se coloque jamais a hipótese de reduzir riscos e eliminar fontes de sinistralidade ou patologia.

A política reformista do Ambiente existe para nos «resignar» e para amortecer alguma veleidade de revolta que ainda pudesse persistir nos nossos corações cansados de violência química. Salta à vista do mais desatento observador que os esforços da CEE para «regulamentar a catástrofe» e «gerir a morte e a doença» são incapazes de minimizar, o mínimo que seja, riscos, perigos e problemas dos numerosos produtos tóxicos que às centenas se fabricaram, fabricam e continuam fabricando, sem que ninguém de ordem de «stop».

Ainda que o combate contra produtos perigosos registasse alguns êxitos(o que não é o caso), ainda que a legislação se cumprisse (o que não é literalmente o caso em países de proverbial bandalheira legislativa como Portugal), seria impossível à chamada «protecção civil» travar o ritmo alucinante a que se desenvolve a catástrofe na sociedade industrial, que, por isso mesmo, depois de «sociedade do luxo e do lixo» foi também cognominada como «sociedade da catástrofe»

Cada vez o desfazamento entre o perigo conhecido e o perigo imprevisto é maior. Cada vez é maior também o desfazamento entre o perigo controlável e o que completamente escapa a qualquer medida ou capacidade humana de controle. Se todos os anos, sem que ninguém diga «basta», entram no mercado novos produtos químicos, tão desconhecidos como os que já cá estão(no que respeita aos seus efeitos fisiológicos e metabólicos), a política de segurança perseguirá a sua própria sombra sem nunca a alcançar e de política de saúde nem vale a pena falar: porque não há diagnóstico possível de novas doenças, quando estas surgem num ambiente contaminado por agentes químicos susceptíveis de provocar, nunca se sabe onde e quando, as mais estranhas e inesperadas doenças.

Como se pode falar hoje de saúde, esquecendo este factor (do meio) ambiente? Como se pode falar de saúde, ignorando aquilo que fundamentalmente a está condicionando? Trazer, a propósito de tudo e de nada, vírus desconhecidos ao barulho, começa a constituir uma desculpa esfarrapada que a sociedade industrial encontra para justificar os seus crimes e que a opinião pública começa a ter dificuldade em aceitar.

3

Juristas deitam as mãos à cabeça e proclamam-se impotentes para definir esta nova tipologia de «crimes contra a saúde e a segurança pública».

Carlos Ferreira de Almeida, advogado, especialista em Direito do consumidor e assistente jurídico da Associação Portuguesa de Defesa dos Consumidores (DECO), confessa que «estamos no ponto zero em matéria de protecção contra riscos, responsabilidade de produtos e segurança contra produtos perigosos.»

[Interpelou os representantes das confederações presentes, a da Indústria e a do Comércio, que se manifestaram «sensibilizados» para o assunto mas ainda sem posição tomada.]

4

A julgar pelos escassos progressos verificados no combate aos «produtos perigosos», há ainda poucos organismos em Portugal vocacionados para combater riscos, produtos, venenos e fraudes.

O Gabinete de Defesa do Consumidor e o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor são manifestamente poucos, a julgar pelo que está por fazer e pelo andamento que tem tido a política do sector.

Como diria um ilustre médico, é querer curar cancro com aspirina ou matar mosquito com canhão.

Por mais organismos que se desunhem a lutar contra riscos, poluições, explosões, tóxicos, venenos, produtos perigosos que infestam o ambiente e atacam o consumidor, nunca serão suficientes e a sua ingente luta nunca conseguirá evitar que a desastrosa sociedade industrial vá semeando doentes e cadáveres pelo caminho.

Entre as profissões, aliás, que não podem viver sem doentes nem mortes, a de jornalista é uma delas.

Mas quantas outras profissões não estão também dependentes desse contingente de catástrofe?

A CEE preocupa-se, mas pouco mais pode fazer do que preocupar-se e emitir directrizes dos seus comités científicos aos países membros. Directrizes que não impediram que Seveso transbordasse Dioxina para a eternidade, que na Espanha a chamada «pneumonia atípica» tivesse constituído um dos maiores genocídios em tempo de «paz», que outros pequenos nada do quotidiano do consumidor continuem a proliferar e a matar.

5

[As listas negras, quando são elaboradas (e raramente o são), não há espaço que chegue nos jornais para as publicar, de tão extensas...]

Da lista negra de acidentes que foram objecto de uma troca rápida de informações, desde Setembro de 1979, no âmbito da Comissão das Comunidades Europeias, limitamo-nos a escolher apenas algumas, as que também já têm ou podem vir a ter expressão no nosso país.]

6

Há a contar com um certo fundo sadomasoquista dos povos latinos, nomeadamente o português. Não só suportam, calados, todas as agressões da classe dominante, como ainda pedem mais.

No caso dos consumos patogénicos, desde que a televisão diga que dão mais vida, nada feito: nem médicos, nem nutricionistas, nem ecologistas, nem higienistas conseguem desconvenecer as massas das virtudes que margarinas, bebidas, «sprays», cosméticos, conservantes de madeiras têm para os telespectadores absolutamente convencidos de tanta virtude e prazer.

O secretismo de organismos, direcções gerais, secretarias de Estado, agudiza-se, à medida que as firmas «culpadas» intensificam as suas manobras de pressão para se ilibarem de tudo o que de cancerígeno, patogénico, perigoso, tóxico lançam no mercado.

7

Se o assunto dos «produtos perigosos» não é para tratar nos jornais, talvez porque desgraças já a gente tem muitas, a verdade é que a informação entre organismos oficiais também não circula.

Como referiu a Dr^a Arlinda Borges, médica do Centro de Informação Anti-Venenos, o inventário de produtos, só por si, não chega, é preciso saber os casos que assumem maior relevo, gravidade e frequência (incidência estatística).

Há, segundo disse, «uma percentagem baixa de acidentes por afogamento ou electrocussão mas a percentagem de «intoxicações acidentais» por produtos químicos em casas e campos é muito elevada».

«Seria aconselhável - acrescentou - a prevenção primária desses casos.»

8

Duas operárias, pelo menos, já morreram em Portugal em condições trágicas quando manuseavam, em fábrica do norte do País, um produto designado comercialmente «Xilofene».

Relatórios do Instituto de Medicina Legal a que tivemos acesso, concluem que a relação causa-efeito é iniludível mas que (pasmese) nada se pode provar contra o produto.

Este continua a vender-se no mercado com um rótulo em que remete para o utente todas as responsabilidades e riscos decorrentes do seu manuseio. De vez em quando, o produto é publicitado na RTP.

São dois mundos paralelos que nunca se encontram: o mundo do negócio está sob jurisdição diferente do mundo do consumidor.

[Em matéria de jurisdições, a semana foi elucidativa: enquanto pela banda do Ministério da Qualidade de Vida (Gabinete de Defesa do Consumidor e Instituto Nacional de Defesa do Consumidor), se convidavam especialistas da CEE (Taschner, Sheen, Kramer), eis que o Instituto de Qualidade Alimentar convidava um especialista da CEE.

Graças a esta intensa actividade de importação e adequação à legislação comunitária, pode o consumidor português dormir mais descansado.]

9

Na melhor das hipóteses, a política de segurança ambiental joga no adiamento. Mas se já existe uma lei de bases ou lei-quadro de defesa do consumidor, e se já não se pode distrair nem adiar, clamando que «falta uma lei», usa-se então uma ligeira variante: «Temos que esperar agora que saia a regulamentação», será então o discurso na voz dos dirigentes responsáveis [como referiu a dr^a Helena Quelhas, economista da Confederação da Indústria Portuguesa.]

10

Data de 27 de Janeiro de 1977, a Convenção Europeia sobre a responsabilidade quanto a produtos em caso de lesões corporais ou morte, aprovado pelo Conselho da Europa.

Sublinhe-se, como curiosidade deliciosa, que o artigo 9 da referida Convenção «não se aplica - textual - aos prejuízos nucleares.»

O nuclear está sempre para lá do bem e do mal, da lei e das Convenções.

Tratando-se de produtos perigosos, é evidente que o nuclear não deve figurar na lista negra.

Tenebroso e superperigoso é, sim, o ginseng da Coreia e os produtos fitofarmacêuticos ou dietéticos que continuam a assolar os mercados, sem legislação nem fiscalização, nem controle.

Quando a enciclopédia britânica já não tem folhas que cheguem para lá figurar toda a lista negra de pesticidas, antibióticos, cortisonas, vacinas, etc., quando o ritmo de produção de novas substâncias químicas aumenta todos os anos a um ritmo tal que já ninguém o consegue apanhar, eis que o perigo número 1 vem afinal do ginseng ou dos produtos dietéticos. Eis que o seminário se preocupa em pedir a repressão fiscalizadora dos «dietéticos».

Onde está, afinal, o perigo e o inimigo principal do consumidor, quando o nuclear está fóra das leis e das convenções, não devendo por isso preocupar-nos?

11

Segundo se depreende de uma recomendação do Conselho da OCDE, adoptada em 28 de Abril de 1981, é muito difícil retirar do mercado um produto.

Caso se verifique perigo, ele terá que ser suficientemente provado e comprovado para levar a firma a retirar o produto.

Quer dizer: enquanto não se verificarem casos de escândalo público, mortos e feridos, de preferência crianças, é difícil agir.

O consumidor tem por isso e pelo menos, uma certeza: servirá de cobaia até que haja suficientes vítimas juncando o terreno. Em nome do progresso tecnológico, evidentemente.

Só quando «os riscos se revelarem substanciais e graves, os fabricantes e/ ou fornecedores deverão retirar o produto do mercado, modificá-lo ou substituí-lo por um produto idêntico ou similar...»

12

Como referiu Miguel Marañon Barrio, secretário geral para o consumo de Espanha, foi «devido aos trágicos acontecimentos provocados pela intoxicação com óleo de colza», que se verifica uma «lei de reforma urgente do Código Penal» para, a posteriori, regulamentar o «crime» praticado.

Em virtude dessa «lei de reforma urgente», estipulou-se que o produtor, distribuidor ou comerciante que ofereça no mercado produtos alimentares (omitindo ou modificando as formalidades estabelecidas) e que põe em perigo a saúde dos consumidores será punido com a pena de prisão entre seis meses a seis anos e a multa de 750 mil pesetas até 3 milhões.»

É um caso típico de experiência laboratorial «in vitro» e «post-mortem».

O homem cobaia dos consumos.

13

Se a corrida na Europa da CEE para ultrapassar o camião-cisterna dos produtos perigosos acusa poucos progressos legislativos, em Portugal o desfazamento é ainda maior, conforme se deduz das directrizes e proposta de directrizes que a CEE já conseguiu publicar, no âmbito dos cinco direitos fundamentais que a CEE definiu:

- a) direito à protecção da saúde e segurança
- b) direito à protecção dos interesses económicos
- c) direito à reparação dos prejuízos
- d) direito à informação e à educação
- e) direito à representação (a ser ouvido).

14

O carácter de proliferação cancerígena que torna os chamados produtos perigosos um caso de vida ou de morte, um caso de ecologia humana, que só pode colocar-se em termos de civilização que se afunda nos seus próprios excrementos.

Tudo o que se fizer, ao nível reformista e do remendo, não altera o ritmo deste apocalipse químico.

Para todos os apocalipses, a única resposta de esperança são duas letras: T.A.'s, que se podem traduzir por Tecnologias Apropriadas ou Alternativas.

Reconhecido o carácter circular da contaminação química e adjacentes, o redemoínio tende a crescer e a nunca mais parar.

Medidas reformistas e legalistas, que adiantam?

A única certeza a retirar desta morte em autogestão é uma lição de ecologia humana.

Ou mudamos, ou perecemos num chavascal chamado progresso químico.■